

ENTRE A LÍNGUA IMAGINÁRIA E A LÍNGUA FLUIDA: UM OLHAR SOBRE OS INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS NA/DA REGIÃO DAS MISSÕES/RS

CARLINE MAGALHÃES^{1,2*}, CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS^{2,3}

1 Introdução

O presente subprojeto caracteriza-se pela reflexão em torno de questões que perpassam a história da produção do conhecimento linguístico desenvolvido na região das missões do Rio Grande do Sul (RS). Para tanto, nos interessou a observação de instrumentos linguísticos, mais especificamente, dicionários regionalistas, os quais colocam em circulação determinados sentidos *da* e *sobre* a língua, constituindo-se, portanto, como objetos linguístico-históricos. Tendo em vista que a região das missões é marcada, historicamente, pelo contexto das reduções jesuíticas, bem como por um contexto de imigração, sobretudo, a alemã, buscamos compreender como os dicionários regionalistas contribuem para a naturalização de determinados dizeres e sentidos, (re) produzindo representações/imaginários vinculados a discursos hegemônicos.

Nosso interesse inicial era realizar uma reflexão acerca das representações em torno da língua do/no Brasil a partir dos anos de 1940, compreendendo o modo como as diferentes políticas linguísticas da época determinaram as relações entre as línguas no espaço de enunciação brasileiro. No entanto, pelo fato de não termos tido acesso a instrumentos linguísticos referentes a essa conjuntura, delimitamos dicionários regionalistas, a fim de refletir sobre a determinação histórica e ideológica de verbetes, como ‘missioneiro’, ‘índio’ e ‘gaúcho’ e ‘Missões’, visando aos efeitos de sentido inscritos no discurso metalinguístico em análise.

2 Objetivos

Nossa pesquisa teve como objetivo geral compreender os efeitos de sentido inscritos em instrumentos linguísticos em circulação na região das Missões/RS, explicitando a determinação histórica e ideológica do discurso *da* e *sobre* a língua que circula e materializa-se nesses dizeres.

¹ Graduanda de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. Contato: carline.magalhaes@estudante.uffs.edu.br

² Grupo de Pesquisa: Língua(gem), discurso e subjetividade (UFFS).

³ Orientadora: Doutora em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos, pela Universidade de Santa Maria (UFSM). Professora adjunta de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Licenciatura Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – *Campus* Cerro Largo/RS). Contato: caroline.schneiders@uffs.edu.br

Para tanto, tomamos como objeto de análise dicionários regionalistas, os quais, enquanto objetos linguístico-históricos, contribuem para a naturalização de determinados dizeres e sentidos, (re) produzindo representações/imaginários vinculados a discursos hegemônicos. Assim, discutimos sobre o modo como as políticas de imposição cultural e linguística determinaram o discurso em análise, bem como os efeitos da história e da memória no discurso *da e sobre* a língua que circula e materializa-se nesses dizeres.

3 Metodologia

Esta pesquisa está vinculada aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso articulada com a História das Ideias Linguísticas. Por meio desse dispositivo teórico e metodológico, refletimos sobre como o dicionário é compreendido e mobilizamos conceitos, como: discurso, memória, historicidade e ideologia. Os dicionários escolhidos para objeto de análise são: *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de autoria dos irmãos Zeno e Rui Cardoso Nunes, de 1984 e, *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, de autoria de Batista Bossle, de 2003. Além do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, publicado em 2000. A partir desses dicionários, centramos nossa discussão em torno dos verbetes: gaúcho, índio, Missões e missioneiro, a fim de lançar gestos de interpretação sobre tais dizeres.

4 Resultados e Discussão

Segundo Nunes (2006, p. 11), entendemos o dicionário como “um dos lugares que sustentam as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização de discursos” e, por isso, “é um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas”. Segundo Auroux (2009), o dicionário é um instrumento linguístico assim como a gramática, os quais estão relacionados a normas e conjunturas que hegemonizaram um bem falar e bem escrever, consequentemente.

Para o viés discursivo, o dicionário é “um objeto histórico e de representação da relação do falante com sua língua, na necessidade de um imaginário de unidade da língua nacional” (ORLANDI, 2002, p. 103). Assim, tomamos o dicionário como discurso, por serem textos produzidos em determinadas condições e tendo seu processo de produção vinculado a uma certa rede de memória diante da língua. Conforme Nunes (2006), a memória do dicionário é uma memória institucionalizada e, pelo texto do dicionário ou fragmentos dele, como um verbe

por exemplo, a memória é transferida de uma língua a outra, de um país a outro, de uma instituição a outra, e a cada vez é reconfigurada, esquecida, reorganizada, silenciada etc.

Quando se reflete sobre o dicionário, parte-se do pressuposto que ele abarca todas as palavras de determinada língua, o qual, no entanto, produz esse efeito ao buscar representar a língua. O dicionário, enquanto instrumento linguístico, constrói uma determinada memória social, marcando a relação da ciência com o Estado. O dicionário produz a ilusão de que a língua é representável como tal, uma vez que, conforme Orlandi, “o dicionário assegura, em nosso imaginário, a unidade da língua e sua representabilidade: supõe que um dicionário contenha (todas) as palavras da língua” (2002, p. 103).

Esse efeito de unidade que o dicionário produz, vincula-se ao que Orlandi (2002) pontua sobre a língua imaginária, a qual “é a que os analistas fixam com suas sistematizações e a língua fluida é a que não se deixa imobilizar nas redes dos sistemas e das fórmulas” (p. 22). Assim, a língua imaginária é aquela idealizada por normas e coerções, a língua das gramáticas e dos dicionários, já a língua fluida se distancia de regulações, está, e é, modificada constantemente. Nesse sentido, a língua imaginária vincula-se à ilusória homogeneidade da língua e dos sentidos.

Como nosso interesse de pesquisa recai sobre os dicionários regionalistas, cabe pontuar, segundo Petri (2012), que

o dicionário de termos regionalistas funciona como um lugar de referência e de preservação do passado de glórias. Ali não estão “guardadas” apenas as palavras e as expressões da língua, ali são guardados os sentidos que “devem” permanecer. (PETRI, 2012, p. 30).

Considerando os dicionários regionalistas gaúchos e, mais especificamente, a região das Missões, observamos que a língua fluida é bem característica da região e não se encontra em outros lugares do Brasil, possuindo regionalismos próprios. Estes regionalismos a que nos referimos rememoram a época das Missões Jesuíticas, em que se deu a tentativa de catequização dos índios guaranis da região, por parte das coroas portuguesa e espanhola, após conflitos e massacres de índios, o que restou foi uma miscelânea de línguas, costumes e culturas. Entendemos, portanto, que o discurso analisado é determinado por uma historicidade, a qual coloca em funcionamento certa memória e ideologia vinculadas a esse passado constitutivo da região das Missões, marcado pelas reduções jesuíticas.

Os verbetes analisados, a partir de suas definições nos dicionários regionalistas, atestam isso. Por exemplo, o termo *missioneiro*, que se trata do gentílico da região, e cujo habitante o recebe além do gentílico de *gaúcho*, fenômeno que não acontece em outras regiões do estado.

Nos dicionários, tanto os regionalistas, quanto no de língua portuguesa, o verbete *missioneiro* relaciona-se, quase em integralmente, com as Missões Jesuíticas, seja habitante da região atualmente, seja referente ao indígena que habitava a redução nos séculos XVII e XVIII.

Observemos o *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003, p. 39):

MISSIONEIRO, *adj.* **1. Relativo às antigas missões jesuíticas.** **2.** Relativo à região em que se localizavam os **Sete Povos das Missões** (*V. Missões.*) *S.m.* **3.** Indígena das antigas **missões jesuíticas.** **4.** O natural ou habitante da **região missioneira** do Estado. **5.** Missionário que realiza missões. (*Do cast. plat. misionero.*) (negritos nossos)

Já o verbete *índio*, nos dicionários regionalistas, não se refere ao membro de alguma etnia indígena, mas, sim, ao sujeito gaúcho que é destemido, valente e peão de estância. Esse aspecto indica que, no Rio Grande do Sul, ainda permanece uma cultura colonizadora fortíssima. O índio recebe a denominação de peão de estância antes de receber a de gaúcho:

ÍNDIO, *s.m.* **1.** Indivíduo bem-disposto, valente, destemido, bravo, valoroso. **2.** Homem do campo; **gaúcho (peão ou patrão).** (*Dicionário Gaúcho Brasileiro*, 2003, p. 284, negritos nossos)

ÍNDIO, *s.* Homem do campo. **Peão de estância.** Indivíduo valente, bravo, disposto, destemido, valoroso. (*Dicionários de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, 1984, p. 246, negritos nossos)

Acerca do verbete *gaúcho*, temos, nos três dicionários citados, as seguintes repetições: habitante do Rio Grande do Sul ou interior e, com exceção do Houaiss, natural do estado; dedicado às lidas campeiras; vida pastoril; habitante do Uruguai e Argentina; dos dicionários regionalistas: antigamente, contrabandista, changador, gaudério, coureador, desregrado, andejo; remanescentes de tribos guerreiras amestiçados com portugueses e espanhóis; hospitaleiros, etc. No *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003, p. 265) encontra-se:

GAÚCHO, *adj. e s.m.* **1. O habitante ou natural do Rio Grande do Sul;** rio-grandense-do-sul. **2.** Pessoa do interior do Rio Grande do Sul, **dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras; o homem do campo.** **3.** Habitante do Uruguai e da Argentina, da região da campanha, de hábitos e origens semelhantes aos do gaúcho rio-grandense. **4.** Hábil cavaleiro, que monta com garbo e elegância. **5.** Antigamente: **caçador de gado selvagem, contrabandista, teatino, andejo, coureador, desregrado, gaudério, changador; remanescentes de tribos guerreiras amestiçadas com portugueses e espanhóis, nômades, hábeis e valentes cavaleiros.** (negritos nossos)

Consta nos textos complementares, no *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, que o verbete *gaúcho* tinha conotação pejorativa, até meados do século XIX. Após isso, o gentílico se tornou motivo de orgulho e refere-se ao homem digno, bravo e destemido. Ademais, como pontua Petri sobre o imaginário gaúcho, não temos apenas uma imagem única, mas, sim, diferentes representações que estão ligadas às diferentes condições de produção, “a partir das quais se constituem os efeitos de sentidos evidentes, tanto no mundo social quanto no mundo ficcional, reinventando incansavelmente o imaginário social sobre o gaúcho” (PETRI, 2009, p. 4).

5 Conclusão

Compreendemos que a constituição do sujeito missioneiro foi afetada por esse passado histórico particular da região das Missões, fazendo com que o gentílico se diferencie do gaúcho, além de fazer com que o sujeito seja missioneiro antes de ser gaúcho. Este, por sua vez, é constituído pela historicidade de outras regiões do estado, como o Pampa e a Campanha. Assim como o verbete índio, nos dicionários regionalistas, não carrega o mesmo significado do verbete no dicionário de língua portuguesa, pois, nas Missões, o índio também refere-se ao peão de estância, antes, ainda, de receber o título de gaúcho. A análise dos verbetes nos permitiram entender que o sentido não é único, já que as definições possuem relação com a memória discursiva e com a historicidade. Ou seja, os dicionários regionalistas atuam para colocar em funcionamento uma língua imaginária, pois buscam ‘guardar’ sentidos que devem permanecer, como pontua Verli (2012). Porém, pelo fato de o discurso estar em relação com a memória, verificamos que os sentidos podem ser outros, uma vez que a língua não se deixa fixar, a língua é fluida. Dessa forma, nossa pesquisa contribuiu para compreendermos os efeitos da história e da memória inscritos no discurso metalinguístico regionalista.

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. 2.ed. SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BOSSLE, B.A. João. **Dicionário Gaúcho Brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- CARDOSO, N. Zeno; CARDOSO, N. Rui. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1984.
- NUNES, H. José. **Dicionários no Brasil**. São Paulo: Pontes Editora, 2006.
- ORLANDI, P. Eni. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- PETRI, V. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, nº29, p. 23-39, jan. a jun., 2012.
- PETRI, Verli. A produção de sentidos “sobre” o gaúcho: um desafio social no discurso da história e da literatura. **Conexão Letras**. Porto Alegre, vol. 4, nº 4, 2009.

Palavras-chave: Dicionário regionalista; língua; memória, história.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2022-0412

Financiamento: UFFS